

X Encontro Nacional de História Oral

**NAS FRONTEIRAS ENTRE MITO E HISTÓRIA:
O CASO DA NAÇÃO DO MARACATU PORTO RICO**

Anna Beatriz Zanine Koslinski
Mestranda do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia da UFPE.
biazk@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nas atuais pesquisas no campo da História, a metodologia da História Oral tem se apresentado como uma via privilegiada para a humanização da referida disciplina. Isto ocorre porque a História Oral possibilita a valorização da subjetividade do informante e a recuperação do passado vivido. Mais do que sobre eventos, ela fala sobre significados, nela a aderência ao fato cede passagem a imaginação, ao simbolismo. Por essa razão muitas vezes os relatos de História Oral apresentam contradições, distorções ou até mesmo falta de veracidade em relação aos depoimentos de outras pessoas acerca do mesmo evento ou em relação a versão dada pela História oficial; no entanto, isso tudo pode ser encarado como uma fonte adicional a pesquisa, tendo muito a revelar sobre o universo simbólico dos informantes. Este paradigma se torna muito presente em grupos culturais onde a documentação acerca de suas histórias é escassa como é o caso dos maracatus-nação pernambucanos. Claude Lévi Strauss dizia que em sociedades permeadas pela tradição oral os limites entre História e Mitologia eram muito sutis. O presente artigo tem por objetivo entender a construção da narrativa de origem do Maracatu-Nação Porto Rico visto que os discursos que os maracatuzeiros do grupo têm de sua história divergem entre si e em relação a maracatuzeiros antigos de outros grupos, além de não ir de encontro com a pouca documentação existente acerca de sua história. Sendo assim este caso se apresenta como um excelente meio para se explorar os limites entre mito e história. O artigo não busca encontrar de que lado está a verdade mas sim entender como se constrói a narrativa de origem da nação, trabalhando com categorias como memória, tradição além das já referidas mito e história.

OS MARACATUS-NAÇÃO PERNAMBUCANOS

Maracatu-nação é uma manifestação cultural afro-brasileira que denomina um ritmo produzido pela bateria ou “bataque” composto apenas de instrumentos de percussão e também a dança executada ao som desse bataque. Os maracatus-nação formam blocos de apresentação compostos pelos “bataqueiros” (percussionistas) e pelos

dançarinos, vestidos com trajes nobres já que se trata de uma corte com rei, rainha, princesas, duques, etc. Os grupos de maracatus tem suas sedes majoritariamente em comunidades de periferia além de possuírem vínculo em maior ou menor grau com as religiões afro-indo-brasileiras. Nos dias de hoje a manifestação tem ganhado cada vez mais visibilidade na cidade de Recife e arredores graças ao investimento de órgãos públicos e privados que vêm nas manifestações populares um chamariz para o turismo. A história da manifestação, no entanto, continua com muitas lacunas. Os primeiros registros da manifestação datam dos séculos XVIII e XIX ora em notícias de jornais ou em permissões para desfilar nas ruas. No entanto, como a descrição da manifestação é precária é muito difícil saber até que ponto os maracatus de antigamente se assemelham aos de hoje, até mesmo porque, a cultura é dinâmica, não se estaciona no tempo sendo constantemente ressignificada.

Os primeiros estudiosos dos maracatus alertavam para o seu irremediável desaparecimento pois associavam a prática a tradição da Coroação do Rei do Congo feita na época da escravidão (LIMA, 2005). Como já não havia escravos a manifestação teria perdido seu sentido original e, portanto, estaria fadada ao desaparecimento. Alguns pesquisadores do início e meados do século XX como Pereira da Costa, Guerra Peixe e Katarina Real fizeram alguns registros e descrições de como e quais eram os maracatus existentes em suas épocas discutindo acerca de como eram os maracatus autênticos no intuito de deixar um registro da manifestação antes que ela desaparecesse por completo. De fato, até a década de 60 os grupos diminuíram em número significativamente, sendo que voltaram a reaparecer na década de 80. Esse ressurgimento ocorreu por diversos fatores, dentre eles o apoio de movimentos de militância étnica como o Movimento Negro Unificado que também lutava pela valorização da cultura negra, o surgimento de grupos que se utilizavam de elementos musicais e estéticos do maracatu em suas apresentações como o Maracatu Nação Pernambuco e a banda Chico Science e Nação Zumbi que acabaram divulgando o maracatu para outras classes sociais e em outros estados (LIMA, 2007) e o apoio de órgãos públicos que dentre outras coisas, criaram um concurso entre as agremiações carnavalescas (dentre elas os maracatus-nação) com prêmios em dinheiro. Não podemos ignorar também a ascensão da indústria cultural que colaborou para que manifestações da cultura popular fossem vistas como mais um

produto a ser vendido. Essa realidade com certeza impulsionou os investimentos por parte de iniciativas públicas e privadas nas nações de maracatu.

Hoje em Recife existem mais de trinta nações de maracatu, além de diversos grupos percussivos, ou seja, grupos compostos por pessoas das classes média e alta que executam, em sua maioria, apenas a parte percussiva da manifestação sem possuir vínculo com alguma comunidade ou com as religiões afro-indo-brasileiras. A existência desses grupos é um dado interessante que revela como a manifestação está ganhando visibilidade e sendo apropriada por outras classes. Toda essa valorização da cultura popular como um todo na cidade do Recife e arredores trouxe consigo uma valorização de tudo o que é tradicional. Os maracatus-nação não escaparam à essa lógica; quanto mais tradicional um maracatu, mais prestígio e respeito ele obterá por parte de outras nações, dos órgãos públicos e também da sociedade mais ampla. Porém, como já alertamos a documentação acerca da história e descrição dos maracatus-nação é precária, existem poucos livros que expliquem como eram os maracatus “originais”. Para dificultar, como muitas nações encerraram suas atividades ao longo do século XX e só foram restauradas ao seu fim, muita coisa se perdeu de como eram as nações antes de sua momentânea extinção.

O CASO DA NAÇÃO DO MARACATU PORTO RICO

Temos como exemplo interessante desse paradigma o caso da Nação do Maracatu Porto Rico. De acordo com os líderes do grupo a nação passou por períodos de decadência e restauração ao longo do século XX. Parte de sua história é baseada na pouca descrição do suposto grupo precedente, o Porto Rico de Água Fria apresentada no livro do maestro Guerra Peixe. Transcrevemos aqui o histórico da referida nação, publicado no sítio virtual oficial do grupo para em seguida observarmos em que sentido ela não vai de encontro com uma “construção histórica linear”, baseada em documentos, como é o caso da “História científica”¹.

¹ Lévi-Strauss utiliza a terminologia História científica para designar o fazer histórico da sociedade ocidental contemporânea, ou seja, aquele praticamente baseado em documentos escritos, diferente do fazer histórico de algumas sociedades tradicionais da América do Norte, baseado em narrativas orais. É

“O Maracatu Porto Rico tem um histórico de resistência, de idas e vindas, surgimento e desaparecimentos sucessivos, até chegar ao apogeu de sua contemporaneidade. Sua fundação oficial em livro de registro data de 1916, na cidade de Palmares/PE, desenvolvendo-se lá por vários anos. Por falta de incentivo, a Nação entrou em declínio, reaparecendo sob a tutela de “Zé da Ferida” em Recife, no bairro de Água Fria. Entra em declínio novamente na década de 50, com a repressão às manifestações afro-brasileiras e, após a morte do mestre, o maracatu foi recolhido para o museu. Apenas no final dos anos 60 o maracatu Porto Rico foi resgatado e voltou às ruas de Recife.

Reinaugurado com o nome de Porto Rico do Oriente em 1967, no bairro do Pina, com o coroado mestre e Babalorixá José Eudes Chagas e o apoio de Luiz de França e Veludinho (o mais antigo batuqueiro de maracatu de Recife), venceu o carnaval de rua de Recife no ano seguinte, na categoria de maracatu-nação, com todo seu esplendor, quando trazia em seu desfile uma réplica da caravela Santa Maria, iluminada por dentro e rolando sob rodas de bicicleta, recebida de presente de um artesão da comunidade do Pina. Essa réplica representa a chegada de escravos africanos no Brasil e é utilizada como símbolo da Nação Porto Rico.

No mesmo carnaval o Maracatu Porto Rico foi homenageado pela Comissão Pernambucana de Folclore por ter sido responsável pela restauração de uma tradição folclórica em perigo de desaparecimento. Destacando-se nesse período a atuação da antropóloga Katarina Real, quem entregou o prêmio e muito contribuiu para a pesquisa e a preservação do folclore Pernambucano e a reorganização do carnaval de Recife, principalmente ao resgate da Nação Porto Rico. Em 1978, com a morte de Eudes, mais uma vez o maracatu retorna ao museu, ressurgindo em 1980, com a última rainha coroada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a Yalorixá Elda Viana, cerimônia posteriormente proibida pelo Vaticano por causa da sua ligação com o candomblé...A Nação Porto Rico tem como mestre Jailson Chacon Viana (filho da Rainha Elda) que se destaca pela criação rica de toadas e pelo diferencial instrumental no baque, como a introdução de atabaques. Esse fato a fez receber muitas críticas, inclusive das outras Nações de Maracatu, porém essa introdução tem seu fundamento nas tradições africanas, pois, naquela época, os negros tocavam atabaques muito antes de desenvolverem outros instrumentos como observado por diversos pesquisadores em seus relatos históricos...”

A história da nação apresentada no site aparentemente se mostra muito coerente e linear porém, pesquisas realizadas por historiadores como Ivaldo Marciano de França Lima e depoimentos recolhidos com informantes dos antigos “Portos Ricos” trazem a tona algumas contradições, além de apontar que tal versão da história da nação carece de comprovação documental.

Na obra *Maracatus e Maracatuzeiros: Desconstruindo Certezas Batendo Afayas e Fazendo Histórias*, Ivaldo Marciano de França Lima observou através de rigorosa pesquisa em jornais pernambucanos dos séculos XIX e XX que muitas nações de maracatu da época possuíam nomes parecidos ou até mesmo iguais. Alguns termos como estrela, porto, cambinda, pequeno, rico, centro, ouro dentre outros eram recorrentes (LIMA, 2008 p. 288). Deste modo se observou no início do século XX, por

através desse estudo de caso que o antropólogo em questão tenta definir os limites entre Mitologia e História (LÉVI-STRAUSS, 1995, p.59)

exemplo, a existência simultânea de pelo menos dois grupos nomeados “Porto Rico”, sendo que um deles se localizava no bairro de Água Fria e outro em Afogados. Guerra Peixe na sua famosa obra *Maracatus do Recife* faz alusão a um maracatu chamado Porto Rico cujo presidente fazia parte do antigo Porto Rico da cidade de Palmares mas infelizmente o maestro em momento algum menciona se conversava com Zé da Ferida, líder do Porto Rico de Água Fria ou Francisco Xavier de Barros, líder do grupo homônimo em Afogados ou se ainda com outro líder de mais algum grupo homônimo. Esse fato por si só já torna complexo qualquer tipo de discurso de continuidade. É preciso entender qual o critério escolhido pelo atual Porto Rico do Pina para se dizer continuador do Porto Rico de Água Fria e não do de Afogados e também como os atuais líderes do grupo sabem que era o Porto Rico de Água Fria o continuador do grupo de Palmares e não o de Afogados. A documentação acerca desses dois grupos é realmente muito pouca, a maioria das referências a eles se situam nas listas anuais de permissão para desfilar no carnaval que eram publicadas nos jornais locais. Percebemos portanto que parte da história da Nação Porto Rico do Pina apresentada em seu sítio oficial é baseada nos registros publicados no livro de Guerra Peixe de 1950, que, como já mencionamos, não deixa claro a localização ou nome do líder do Porto Rico ao qual se referia.

Outro fato que complica o discurso histórico do atual Porto Rico é a fundação, em 1967 do Maracatu Porto Rico do Oriente pelo Babalorixá Eudes Chagas. Todo o processo de fundação deste maracatu foi registrado pela antropóloga Katarina Real, que fazia parte da Comissão Pernambucana de Folclore, e posteriormente foi publicado em um livro de memórias chamado *Eudes, o Rei do Maracatu*. No livro a antropóloga afirma que, ao questionar o rei do motivo da escolha do nome ele disse que acrescentara o termo “do Oriente” para “diferenciar o nosso maracatu do velho Porto Rico de Palmares, fundado em 1915, que não existe mais, acabou-se anos atrás” (REAL, 2001, p. 28). Deste modo, observamos que através dessa sentença o Sr. Eudes negava a continuidade de seu grupo com qualquer “Porto Rico” existente antes dele. Sendo assim percebemos que o atual Porto Rico reivindica uma continuidade com um grupo do início do século ao mesmo tempo em que reivindica a continuidade com um grupo que a nega. Existe também um relato de uma senhora Mãe de Santo de um terreiro do Pina

que havia conhecido o Sr. Eudes quando era jovem e afirma que o rei freqüentava o Porto Rico de Afogados, bairro onde ela morava a algumas décadas atrás. Isto nos faz pensar que o Porto Rico fundado em Palmares ao qual o Rei Eudes se referia poderia ter como continuador o grupo de Afogados. Mais uma vez nos perguntamos o porquê do atual Porto Rico alegar uma continuidade com Água Fria ao invés de Afogados. Outro fato interessante é que, em seu livro, Katarina Real deixa claro que Eudes, desde a década de 30, ou seja, quando os maracatus Porto Rico de Água Fria e de Afogados ainda estavam na ativa, possuía uma troça carnavalesca chamada Rei dos Ciganos que se tratava de um maracatu disfarçado. A fundação do Porto Rico do Oriente em 1967 veio com o intuito de transformar a troça oficialmente em maracatu-nação. Isso dá margem para pensarmos se o Porto Rico do Oriente como grupo pertencente a uma comunidade já não pode ser considerado como existente desde a década de 30 só que com outro nome, o que complica ainda mais a versão apresentada pelo atual Porto Rico.

Por fim, há mais complicações na transição do Porto Rico do Oriente para o grupo atual. O Rei Eudes já havia deixado claro que após sua morte seu maracatu deveria ser extinto. Sendo assim com seu falecimento em 1978 as atividades do Porto Rico do Oriente foram encerradas. Porém alguns parentes do rei, membros do grupo e intelectuais da Comissão Pernambucana de Folclore tinham interesse que o grupo continuasse. Deste modo em 1980 o maracatu Porto Rico foi colocado novamente na ativa tendo a frente a Yalorixá e atual rainha da nação D. Elda Viana. A Rainha Elda se diz neta de santo do Sr. Eudes Chagas, portanto considera legítima continuadora de seu maracatu. No entanto, na época da morte do Rei Eudes outra famosa Yalorixá do bairro, D. Maria de Sônia, filha de santo do rei também queria se tornar a continuadora de seu grupo e travou uma disputa com D. Elda para obter a posse do Porto Rico, mas para sua infelicidade a Comissão Pernambucana de Folclore acabou apoiando D. Elda. Ainda assim os parentes do Sr. Eudes entraram com um processo na justiça para impedir a restauração do maracatu de seu rei pelas mãos de D. Elda o que fez com que a rainha, para evitar futuras complicações, retirasse o termo “do Oriente” de seu maracatu, mas

ainda assim ela não nega a continuidade com o grupo do Rei Eudes². Atualmente no bairro do Pina encontramos portanto, dois grupos que reivindicam a continuidade com o Porto Rico do Oriente, a Nação Porto Rico da D. Elda e a Nação Encanto do Pina da falecida D. Maria de Sônia e parentes do Sr. Eudes (LIMA, 2008 p. 298).

Toda essa explanação visa demonstrar como a construção da história de um grupo é uma tarefa complexa, ainda mais num caso onde a documentação é rara dando espaço a muitas lacunas e a diferentes versões de um mesmo fato. A nós resta entender quais são os critérios utilizados pelos líderes do atual Porto Rico para afirmar a continuidade com os grupos que o precederam; mais do que isso é preciso que pensemos a respeito do motivo que faz com que essa versão da história seja tão fortemente defendida por seus líderes. Dizemos líderes porque em entrevista aos batuqueiros e passistas do maracatu observamos que a história que eles conhecem é um pouco diferente. A versão discutida acima é defendida principalmente pelo mestre da nação, Chacon Viana, filho de D. Elda.

Em entrevista aos batuqueiros e passistas que não fazem parte da diretoria do grupo e nem exercem outro cargo de liderança observamos que a grande maioria deles afirma que a Nação Porto Rico foi fundada em 1916, só que no bairro do Pina e pelo Babalorixá Eudes Chagas. Reforçamos ainda a pergunta se havia realmente sido o Sr. Eudes que havia fundado a nação há exatos 94 anos e todos disseram que sim. Aqueles que não souberam precisar o ano de fundação da nação enfatizaram que foi há muito mas muito tempo atrás que fica até difícil de dizer o ano certo. Apenas alguns mencionaram a cidade de Palmares como local original de fundação da nação mas todos foram categóricos ao citarem o Rei Eudes como o fundador, o que é impossível do ponto de vista prático tendo em vista que ele nasceu em 1921 (REAL, 2001). Alguns maracatuzeiros ofereceram mais detalhes a história afirmando que a caravela Santa Maria, símbolo da nação, havia sido vista pelo Sr. Eudes no horizonte e era de coloração

² Até o presente momento da pesquisa não tivemos acesso a documentação desse processo mas em entrevista com os maracatuzeiros da Nação Porto Rico alguns deles mencionaram o fato sem entrar em muitos detalhes.

verde e vermelha, o que explica as atuais cores da nação. Outros disseram ainda que a caravela vinha do país Porto Rico e trazia escravos para o Brasil.³

Percebemos através do relatos desses maracatuzeiros como a História, entendida para a maioria de nós como uma sucessão de fatos ocorridos de modo linear, numa escala cronológica, muito bem definida no tempo e no espaço, não é algo presente na mente de todas as pessoas. No grupo estudado observamos uma mistura de fatos, épocas e datas que para os olhos da História científica não fazem o menor sentido. No entanto para as pessoas do grupo essa história situa o grupo no mundo, fortalece sua identidade e cria um sentido para sua existência, por esta razão acreditamos ser pertinente encará-la como um mito de origem.

Lévi-Strauss em seu livro *O Pensamento Selvagem* discorre acerca de duas formas possíveis do pensamento humano ser operado, ele as chamou de “pensamento científico” e “pensamento selvagem” ou “mítico”. Ambos os pensamentos são considerados lógicos, são uma tentativa de ordenar o mundo através de classificações porém a forma como eles operam é diferente. Enquanto o pensamento científico parte de uma abstração para se chegar a algo concreto o pensamento mítico parte do concreto para depois abstrair, funcionando como um tipo de “bricolagem” intelectual. Deste modo o pensamento mítico busca uma apreensão total do real enquanto que o pensamento científico busca um conhecimento cada vez mais compartimentado, separado em etapas que se sucedem, como ocorre no pensar histórico do ocidente. Sendo assim para os maracatuzeiros da Nação Porto Rico, a sucessão de fatos, a cronologia de sua história não é o foco mas sim o modo como essa história dá um sentido a realidade vivida por eles, a existência do grupo e a seus valores.

Como já mencionamos previamente Lévi-Strauss é enfático ao afirmar que em sociedades permeadas pela tradição oral os limites entre Mitologia e História se tornam muito sutis e que os mitos não podem ser considerados uma negação da história. Os mitos assim como a história são exercícios de racionalidade, fazem uma mediação com

³ Informação concedida pelos batuqueiros e assistas da Nação Porto Rico em entrevista realizada em março de 2010.

o real e são concretizados no vivido, ou seja, não se tratam de meras fantasias distantes do cotidiano das pessoas, eles existem porque fazem sentido, dão conta de preencher lacunas e ordenar a realidade. Por essa razão os mitos expressam visões de mundo e ressoam na ideologia e organização social de um grupo, se atualizando no tempo (já que sua narrativa não é acabada). O teórico Georges Balandier acrescenta que os mitos tratam da origem, do começo, remetendo por meio do discurso à temporalidade, não a que resulta de uma sucessão de acontecimentos históricos mas a de um tempo fundador durante o qual uma ordem se forma (BALANDIER, 1997)

Por acreditar que os mitos são da ordem do inconsciente Lévi-Strauss aconselha que a recorrência deva servir de critério norteador da análise dos mitos pois os mitos convencem pela repetição. De tanto ouvir o nome do Sr. Eudes Chagas e a importância do ano de fundação do Porto Rico e de sua tradição, os maracatuzeiros do grupo absorveram essa verdade sem contestá-la. Para Georges Balandier, os mitos se inserem em uma tradição e se impõe pela autoridade. No caso do grupo estudado, todos os entrevistados alegam terem ouvido a história da nação pelas vozes de D. Elda e do mestre Chacon, principais líderes e autoridades do grupo, inspirando muito respeito por parte dos outros membros. Por fim Lévi-Strauss afirma que os mitos, assim como a história, asseguram com um alto grau de certeza que “o futuro permanecerá fiel ao passado e ao presente” (LÉVI-STRAUSS, 1995, p. 63).

É preciso ter em mente também que a construção da narrativa de origem da Nação Porto Rico não surgiu do nada, ela foi baseada nos registros sobre a nação existentes em livros e também na memória dos maracatuzeiros, principalmente a parte da narrativa que concerne ao período liderado pelo Sr. Eudes Chagas, visto que alguns membros antigos da nação tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Precisamos ter em mente também que memória e História não estão em lados totalmente opostos; a memória pode servir de fonte de informação para a História. Isso é muito presente quando utilizamos a metodologia da História Oral para a construção da História. Por outro lado, a História pode servir como elemento regulador da memória, tirando sua espontaneidade. Sendo assim percebemos que a narrativa de origem da nação estudada

não está totalmente desconexa do fazer histórico, ela apenas não se constrói do mesmo modo como a História científica está habituada.

Analisar como a memória é operada também colabora muito para compreendermos a construção da história da Nação Porto Rico. Maurice Halbwachs, estudou a fundo a questão da memória e chegou a conclusão de que a mesma não é unicamente uma construção individual mas que tem muita influência da coletividade, do que é exterior ao indivíduo. Ele chega a afirmar que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva pois ela é construída a partir de referências e lembranças próprias de um grupo. Sendo assim a lembrança de um indivíduo pode se basear não apenas na impressão dele como também na lembrança de outros, ou seja, nossas lembranças podem ser explicadas pelas leis da percepção coletiva. O autor acredita que lembrar não é reviver mas sim reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. Nós não somos as mesmas pessoas que éramos no passado, todos amadurecemos e estamos cercados por outras representações e tudo isso influencia na construção da memória. Observamos então que a memória é uma construção flexível e não estática e rígida. Por ter influência da coletividade ocorre que muitas vezes nossas lembranças não são originais mas sim inspiradas nas conversas com outros. Além disso, não podemos esquecer que a memória de cada membro de um grupo social sob um mesmo evento é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá a este acontecimento. Esse dado não pode ser ignorado quando nos deparamos com relatos de memória, inclusive no caso que estamos estudando.

Por fim é necessário que tentemos compreender de que maneira essa narrativa de origem da Nação Porto Rico se relaciona com o contexto em que o grupo se insere. Já mencionamos anteriormente que na atualidade a categoria “tradição” é muito valorizada pelos grupos de cultura popular pernambucanos, dentre eles os maracatus-nação. Em *A Desordem: Elogio do Movimento* Georges Balandier define tradição como

“a soma de saberes acumulados pela coletividade a partir de conhecimentos e princípios fundadores. Exprime uma visão de mundo e uma forma específica de presença no mundo. Por essas duas razões remete a uma realidade primeira e a uma ordem que a manifesta, formando-se ao longo do tempo. Traz

em si um núcleo de verdades fundamentais das quais os especialistas são os guardiões e os intérpretes...(BALANDIER, 1997, p 94).

O autor afirma ainda que é por meios da palavra, símbolo e rito que a tradição se insere em uma história onde o passado se prolonga. Para ele esse tipo de história seria desconcertante pois nega o seu próprio movimento, sendo refratária a novidade, exprimindo na permanência a verdade, a ordem do mundo, desde sua origem. Neste sentido compreendemos que por meio da narrativa mítica (palavra) a tradição da Nação Porto Rico se insere numa história e legitima os valores e práticas do grupo.

O autor enfatiza ainda que a tradição é avessa ao novo, ao moderno que entende como coisas sem ancestrais, logo sem posteridade, sinal de desordem. A ordem e a verdade se encontram no antigo, no começo. Ainda assim o autor não nega a “desordem” na tradição, ou seja, o imprevisto e as novidades que podem surgir a qualquer momento. A ordem e o imobilismo na tradição não conseguem se manter inalterados. Balandier afirma que

“a tradição está dissociada da mera conformidade, da simples continuidade por invariância ou reprodução estrita das formas sociais e culturais; a tradição só age enquanto portadora de um dinamismo que lhe permite a adaptação, dando-lhe a capacidade de tratar o acontecimento e de explorar algumas potencialidades alternativas”. (BALANDIER, 1997, p.67)

A tradição joga com o movimento do modo como lhe convém, portanto ela lida com mudanças sem deixar de se considerar tradicional. A Nação Porto Rico foi o primeiro maracatu de Pernambuco a utilizar os atabaques em seu batuque, atitude que foi considerada inovadora por parte de outros mestres e músicos, sendo inclusive alvo de muitas críticas. Observamos através do histórico do grupo publicado em seu sítio oficial que de acordo com o Mestre Chacon a introdução de atabaques não representa uma inovação mas sim um resgate da tradição africana nos maracatus.

A tradição, além de legitimar as práticas e valores do grupo também legitima sua estrutura social e hierarquia, pois ela é associada à autoridade inerente ao original, ao discurso do sábio. A tradição governa os indivíduos e a coletividade, mas apenas alguns a conhecem inteiramente e esses que conhecem são os detentores do poder. O resto do grupo que reconhece a autoridade estabelecida pela hierarquia não questiona o

porquê de certas atitudes, muitas coisas simplesmente se justificam pela tradição, ou seja, a tradição, expressada pelos mitos de origem de um grupo, por exemplo, funciona também como meio de dominação.

Finalmente a tradição, por ser algo extremamente valorizado na atualidade, além de trazer legitimidade para o grupo traz também prestígio e logo mais visibilidade e importância no cenário cultural local e nacional. Isso proporciona mais renda para o grupo além de possibilitar que ele utilize seu prestígio para reivindicar seus direitos e espaço na sociedade mais ampla. Deste modo, a tradição é algo que traz muitos benefícios para os grupos de cultura popular de uma maneira geral.

Não podemos ignorar também que, a história de um grupo, seja ela de caráter mítico ou não, sua memória e sua tradição tem contribuição fundamental para a construção de identidade dos indivíduos desse grupo, pois lhes fornecem um lugar na história e dão um sentido a sua existência.

CONCLUSÃO

Através desse estudo tentamos demonstrar como a construção da História pode se dar de diferentes maneiras, com diversos tipos de fontes e como tudo isso gera uma série de complicações. Não tivemos aqui a intenção de colocar a história da Nação Porto Rico defendida pelos seus líderes como sendo falsa ou até mesmo desmerecer tal versão pois entendemos que, assim como a História científica, a narrativa de origem da referida nação se trata de uma construção feita por homens e não uma verdade absoluta e incontestável. A intenção deste artigo foi entender como se dá a construção dessa narrativa, qual a importância dela para o grupo e o que ela revela acerca dos valores desse mesmo grupo. Ainda assim não podemos deixar de nos questionar em qual contexto essa história é afirmada, que tipos de atitudes ela ajuda a legitimar e quais os benefícios que ela traz para a Nação Porto Rico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BALANDIER, George. **A Desordem : Elogio do Movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Cláude. . **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

_____. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

_____. **O Pensamento Selvagem.** Campinas: Papyrus Editora, 2008, 9ª Edição (1989).

_____. **Mito e Significado.** Lisboa: Edições 70, 1995.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus-Nação: Ressignificando Velhas Histórias.** Recife: Edições Bagaço, 2005.

_____. **Maracatus e Maracatuzeiros: Desconstruindo Certezas, Batendo Afayas e Fazendo Histórias. Recife, 1930-1945.** Recife: Edições Bagaço, 2008.

LIMA, Ivaldo Marciano de França e GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Os Maracatus-Nação do Recife e a Espetacularização da Cultura Popular (1960-1990)* in **Cultura Afro-Descendente no Recife: Maracatus Valentes e Catimbós.** Recife: Edições Bagaço, 2007.

PEIXE, César Guerra. **Maracatus do Recife.** Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Irmãos Vitalle, 1980, 2ª Edição (1955).

REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Ed. Massangana, 1990, 2ª Edição (1966).

_____. **Eudes, o Rei do Maracatu.** Recife: Editora Massangana, 2001.